

PSICOLINGÜÍSTICA – UMA ENTREVISTA COM GARY MARCUS

Gary F. Marcus

New York University

ReVEL – Na sua opinião, o que é a Psicolingüística? Como a área se relaciona com a Psicologia e com a Lingüística?

Gary Marcus – A Psicolingüística é – ou deveria ser – um esforço para unir as duas áreas, Psicologia e Lingüística, que são suas partes componentes. A Lingüística, ao menos como é praticada freqüentemente, lida com a descrição básica da estrutura da língua – e isso, por sua vez, é uma questão fundamental para a Psicologia, sobre como a mente funciona. Sempre que nós produzimos ou compreendemos uma sentença, nosso cérebro aciona uma série de computações intrincadas, e (espera-se que) os métodos da Psicologia possam nos dar alguns *insights* sobre como isso acontece em tempo real.

ReVEL – Por que você acha que alguns projetos em Lingüística ainda não se beneficiam dos resultados da Neurociência? Em outras palavras, por que você acredita que alguns lingüistas não estão dispostos a aceitar as descobertas mais recentes da Neurociência?

Gary Marcus – Muitos lingüistas estão interessados em saber o que está acontecendo no campo da Neurociência, mas eu acho que eles se preocupam, corretamente, sobre o quanto que a Neurociência contemporânea pode dizer a eles. O problema, acredito, é que as pessoas estão tentando dar saltos muito

grandes, pulando por cima de muitas disciplinas de uma única vez. Para conectar realmente a Linguística com a Neurociência, você deve poder discriminar os algoritmos e estruturas de dados usados na linguagem e conectá-los ao modo como os circuitos neurais representam algoritmos e estruturas de dados. Mas não sabemos quase nada sobre como os circuitos neurais realizam esse tipo de computação, e até que tenhamos entendido esse tipo de questão, uma boa parte do trabalho sobre as bases neurais da língua provavelmente deverá permanecer insatisfatória.

ReVEL – Agora, (mais) uma questão complicada: como o senhor vê a diferença entre mente e cérebro, no que diz respeito aos estudos lingüísticos?

Gary Marcus – No fundo, a mente é somente aquilo que o cérebro faz; eles são a mesma coisa, descrita em termos diferentes. Mas a curto prazo, pode ser mais sensato tentar conectar a linguagem a uma função psicológica (a mente) do que a uma função neural (o cérebro), porque o nível de descrição psicológica está mais próximo da linguagem. Poder-se-ia conectar a Geologia com a Mecânica Quântica, mas a Química está mais perto.

ReVEL – Conte-nos um pouco sobre seu livro *The Algebraic Mind: Integrating Connectionism and Cognitive Science*. Foi uma tarefa difícil escrever sobre o assunto?

Gary Marcus – Esse foi meu primeiro livro; foi sobre as computações básicas que a mente realiza e sobre como essas funções podem ser implementadas no cérebro. Foi também um desafio para uma linha de pensamento muito popular à época.

A maior dificuldade foi política. Eu era um jovem na época e estava desafiando algumas figuras importantes no campo do “conexionismo” ou “redes neurais”,

sugerindo que esses modelos que eles promoviam estavam demasiadamente simplificados. E ninguém gosta que uma criança lhe diga que está errado!

ReVEL – O senhor poderia sugerir algumas leituras essenciais na área da Psicolingüística? E poderia comentar sobre seu último livro, *Kluge*?

Gary Marcus – Com relação à primeira questão, o melhor lugar para começar pode ser um dos dois recentes manuais de Psicolingüística, um editado por Traxler e Gernsbacher e o outro editado por Gareth Gaskell.

O livro *Kluge* trata sobre os limites da evolução e sobre por que a mente não chega a ser perfeita. É um desafio à assunção da Psicologia Evolutiva de que a mente seja *ótima*, e é uma análise das falhas e fraquezas de nossa espécie.